

AS IMAGENS DA PANDEMIA: CARREGADAS DE SIGNIFICADOS A PARTIR DA PROLIFERAÇÃO DA AIDS E DO COVID-19

Emerson Persona¹

Luciana Martha Silveira²

Resumo: Este artigo propõe analisar as ações políticas e sociais adotadas em tempos pandêmicos, estabelecendo para tanto um paralelo entre epidemia da AIDS e, recentemente, a pandemia do novo coronavírus, COVID-19. Com o aporte teórico de Susan Sontag e Michel Foucault, a comparação propõe um olhar significativo sobre as relações humanas e suas culturas, os órgãos governamentais e suas políticas, além das ações implementadas em momentos de caos e medo social. Ao comparar as duas crises sanitárias, o artigo identifica padrões e recorrências na sociedade e nas políticas públicas, permitindo entender como lidamos com situações urgentes, e procurando também mostrar como as medidas adotadas em cada contexto frequentemente reforçam preconceitos, promovendo ações destrutivas e, portanto, ineficazes. Nesse cenário, a imagem fotográfica tem o papel de revelar outros significados. Pois a arte, ao longo do tempo, quer fosse uma pintura do século XVII ou fotografias do século XX, tratou, de certa forma, de registrar e refletir as realidades próprias de cada época. Com isto, concluímos que o medo do contágio, o isolamento social, a solidão dos doentes e membros da família, bem como as reflexões sobre aspectos políticos e estruturais a partir das pandemias, não ocorrem de forma idêntica em todas as épocas, mas apresentam pontos de convergência a cada epidemia.

Palavras-chave: Imagem fotográfica; Imprensa; Epidemias de AIDS e de COVID-19; Isolamento social; Políticas públicas.

PHOTOGRAPHY DURING PANDEMICS: SIGNIFICANT IMAGES AS FROM THE AIDS AND COVID-19 PROLIFERATION

Abstract: The present article aims at analyzing political and social actions taken in pandemic times as well as drawing a parallel between AIDS and the new coronavirus, COVID-19. With the theoretical contribution of Susan Sontag and Michel Foucault, the comparison provides a significant view into human and cultural relations, government bodies' policies and actions implemented when facing chaos and social fears. The present article identifies society and public policy frequent patterns that allow us to understand the way we deal with urgent situations besides showing the measures taken in

¹ Doutorado em andamento em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR, Brasil. Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da UTFPR. Especialização em História da Arte pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná – EMBAP – Unespar Campus I e Graduação em Superior em Pintura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná – EMBAP. Atua como artista visual. <http://lattes.cnpq.br/5126876516529937>. <https://orcid.org/0000-0003-1422-6046>. persona.emerson@gmail.com

² Pós-doutora pela Universidade de Michigan (EUA, 2010), doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (2002), mestre em Multimeios pela UNICAMP (1994) e bacharel e licenciada em Artes Plásticas pela UNICAMP (1989). Como artista, participou de exposições individuais e coletivas, no Brasil e no exterior. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0990-0892>. Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/996957487627104>. Curitiba, Brasil. martha@utfpr.edu.br

each context frequently increased by prejudices which bring destructive and useless actions. Within such scenario photography role is to reveal other meanings seeing that art, in a way, has recorded and reflected each era reality, as through a XVII century painting or through a XX century photography. Then we propose that the fear of being contaminated, social isolation, ill people and family member loneliness, as well as reflections on political and structural aspects happening during pandemics in different epochs are not identical even so they have converging points.

Key-words: Photographic Image; Press; Epidemics; Social Isolation; Public Policies.

LA FOTOGRAFÍA EN LA PANDEMIA: IMÁGENES CARGADAS DE SIGNIFICADOS A PARTIR DE LA PROLIFERACIÓN DEL SIDA Y DEL COVID-19

Resumen: Este artículo propone analizar las acciones políticas y sociales adoptadas en tiempos pandémicos, estableciendo para ello un paralelo entre las epidemias del SIDA y, recientemente, la pandemia del nuevo coronavirus, COVID-19. Con el aporte teórico de Susan Sontag y Michel Foucault, la comparación propone una mirada significativa sobre las relaciones humanas y sus culturas, los órganos gubernamentales y sus políticas, además de las acciones implementadas en momentos de caos y miedo social. Al comparar las dos crisis sanitarias, el artículo identifica patrones y recurrencias en la sociedad y en las políticas públicas, permitiendo entender cómo lidiamos con situaciones urgentes, y también buscando mostrar cómo las medidas adoptadas en cada contexto con frecuencia refuerzan prejuicios, promoviendo acciones destructivas y, por lo tanto, ineficaces. En este escenario, la imagen fotográfica tiene el papel de revelar otros significados. Pues el arte, a lo largo del tiempo, ya fuera una pintura del siglo XVII o fotografías del siglo XX, trató, de cierta manera, de registrar y reflejar las realidades propias de cada época. Con esto, proponemos que el miedo al contagio, el aislamiento social, la soledad de los enfermos y de los miembros de la familia, así como las reflexiones sobre aspectos políticos y estructurales a partir de las pandemias, no ocurren de manera idéntica en todas las épocas, pero presentan puntos de convergencia en cada epidemia.

Palabras clave: Imagen fotográfica; Prensa; Epidemias; Aislamiento social; Políticas públicas

Introdução

A história de cada indivíduo é construída a partir da cultura na qual está inserido. E também as imagens produzidas dentro desta cultura se inserem, de uma forma ou de outra, na construção de histórias coletivas. Sendo assim, todas as imagens e os processos cognitivos associados a elas estão relacionados ao processo de aprendizagem e entendimento do mundo. Para o filósofo italiano Nicola Abbagnano: “As imagens são originadas por coisas corpóreas e por meio das sensações: estas, uma vez recebidas, podem ser facilmente lembradas, distinguidas, multiplicadas, reduzidas, ampliadas, organizadas, invertidas, recompostas, do modo que mais agrada ao pensamento” (Abbagnano, 1998, p.537). As imagens, portanto, desempenham um papel fundamental na construção de significados sociais, sendo veículos de disseminação de ideias e interpretações sobre eventos históricos.

Este artigo propõe uma reflexão sobre o corpo e a sociedade frente ao isolamento, analisando a construção de significados das imagens fotográficas produzidas durante duas grandes epidemias que acometeram a humanidade na história recente: a crise da *Acquired immunodeficiency syndrome* (AIDS), nos anos 1980; e a pandemia do novo coronavírus, em 2020, será utilizada a fotografia de David Kirby em comparativo com a pintura *Pietà* de Carlo Dolci e a fotografia de Sebastueb Bozon, AFP - Agence France Presse. A análise propõe uma aproximação entre imagens de momentos históricos distintos, em referências que dialogam por afinidades temáticas e afetivas. Inspirada na abordagem de Ana Maria Mauad (2014), parte-se da concepção metodológica de que toda imagem

carrega uma biografia. Ou seja, têm trajetórias visuais que não seguem necessariamente uma linearidade cronológica, mas que revelam tensões entre tempos históricos. Assim, não se busca identificar uma história que preceda a imagem, mas compreender como as imagens participam da constituição do acontecimento histórico. Essa perspectiva permite investigar a emergência de determinados foto-ícones como condensações de experiências e sensibilidades coletivas, cujas reverberações simbólicas atravessam diferentes suportes e épocas. A partir da proliferação dessas imagens, portanto, busca-se compreender o seu papel na representação e na percepção dessas duas crises de saúde pública distintas para o imaginário coletivo. Propõe-se analisar, ainda, como estas imagens contribuem para a compreensão do contexto de onde elas foram tiradas e veiculadas, e acima de tudo, pensar como o corpo encontrou protagonismo entre o medo do contágio e a ação de políticas reacionárias.

Em circunstâncias de crise, diferentes estigmas em comum foram construídos por segmentos da sociedade como políticas e mídias sociais, seja na forma de xenofobia, no caso da COVID-19, ou como homofobia, no caso da epidemia da AIDS. O HIV é um retrovírus com alto poder de infecção para os linfócitos, as células de defesa do organismo, através dos receptores CD4 (os chamados glóbulos brancos). Isso torna a pessoa infectada suscetível a doenças oportunistas, tais como a tuberculose, a sífilis, o HPV e a meningite criptocócica, entre outras, que podem ser fatais para o ser humano. Nesse contexto, os homossexuais foram remetidos como culpados pela AIDS, dentro de discursos preconceituosos. Por outro lado, a COVID-19 marcou a China como a disseminadora da doença em dezembro de 2019, uma vez que os primeiros casos lá surgiram. O novo coronavírus denominado SARS-CoV-2 (COVID-19) foi primeiro identificado na cidade de Wuhan, na China – mas, apenas três meses depois, a Organização Mundial de Saúde (OMS) alertou para a situação de pandemia global.

A permanência da imagem é um importante componente de análise dentro desta problemática, em uma “espécie de condensação de tempos que já não existem, mas permanecem estáticos na superfície fotográfica, como se previssem o futuro” (Mauad, 2014, p.106). Na cultura visual, ela é entrecruzada pela transmissão de conhecimentos, valores e verdades próprias, elementos culturais perpetuados através da fala, da visualização, e que se propagam de geração em geração. Na sociedade contemporânea, as mídias sociais e o uso do aplicativo de mensagens WhatsApp como meio de contato indireto entre indivíduos, quer queira em grupos criados ou individualmente, propiciou a proliferação de forma rápida e massificante das chamadas *fake news*, notícias polêmicas e sem fundo científico que aterrorizaram o mundo durante a pandemia do COVID-19. Porém, este não é um evento sem precedentes. Durante crises sanitárias mundiais, a produção e circulação de imagens fotográficas influenciaram diretamente a percepção pública das doenças, ora reforçando estigmas, ora suscitando reflexões sobre a vulnerabilidade dos corpos e os interesses políticos em torno da saúde pública. Comparativamente, pode-se fazer um paralelo direto deste fenômeno contemporâneo com a situação da AIDS, nos anos 1980, quando foram os jornais e revistas que reproduziram discursos sem fundamento científico algum, gerando pânico e preconceito.

Nesse contexto, situações diárias são transformadas em imagens, e reafirmam crenças e dogmas, que, por sua vez, são mergulhados novamente na cultura. As imagens funcionam como um veículo construtor e disseminador de ideias, que podem por vezes reforçar crenças, verdades ou mesmo distorcer a realidade. Ao criarem discursos e narrativas, as imagens produzidas trazem o indivíduo para uma experiência sensorial e emocional imediata e profunda, transformando-as em uma poderosa ferramenta para a comunicação e a expressão cultural: “a imagem é caracterizada pelo sentido de estranheza e exerce fascínio, quando a recepção é convidada a identificar e completar as imagens” (Araújo, 2004, p.81). Sendo assim, elas são construções simbólicas, somadas ao longo da vida, e, em suas experiências e experimentos, passam a representar formas de reconhecimento do mundo por questões de identificação, ou podem também induzir estranhamentos, quando novas vivências remetem os observadores a acessarem novos sentidos de percepção.

Nesta busca pela compreensão das construções de significados, tem-se como premissa que as imagens, sejam estas provenientes de proposições artísticas ou midiáticas, estão diretamente atreladas

a construções simbólicas, que poderão ser hegemônicas, ou até mesmo dogmáticas, as quais informam o olhar fotográfico. Para Flusser, as fotografias são tentativas de se representar alguma ideia sobre o mundo concreto, e tal afirmativa se dá a partir de sua teoria sobre as imagens técnicas, que são desenvolvidas como instrumentos tecnológicos. Sendo as fotografias, portanto, desenvolvidas por aparatos técnicos, as suas imagens funcionariam como abstrações do mundo concreto (Flusser, 1983, p.7). Deste modo, para o autor, “as imagens são, portanto, resultado do esforço de abstrair duas das quatro dimensões de espaço-tempo, para que se conserve apenas as dimensões do plano.” (Flusser, 2002, p.7). Neste sentido, apreende-se a imagem como experiência da percepção, seja pela visualização e entendimento formal das cores ou das formas, ou pela decodificação semântica e social dos seus significados. Ou seja, as imagens se valem da atribuição de significados para mediar as relações entre o indivíduo e a sociedade. Pois, apesar de seu potencial de abstração, as imagens técnicas têm um fator também documental, sendo, para além de imagens, consideradas mediações indiciais da realidade (Flusser, 1983, p.7). Portanto, a imagem surge a partir de um núcleo com interesses distintos. As imagens podem por vezes refletir a sociedade em suas exatidões e verdades, mas também pode estar a serviço de interesses políticos, sendo distorcida para promover interesses escusos e perturbadores. Observa-se que a imagem construída a partir desse tema insere o corpo em um jogo de disputas políticas que, em vez de apontar soluções para o problema, frequentemente intensifica a dor e a angústia social.

Nesse contexto, serão analisadas imagens produzidas no âmbito das pandemias de COVID-19 e AIDS, explorando como as imagens procedentes destes fatos muitas vezes constroem narrativas que servirão de pontos de reflexão para futuros demarcadores históricos. A seguir, serão apresentadas fotografias de dois fotojornalistas que demonstram não somente as diferenças e semelhanças entre as pandemias, mas como o corpo vitimizado é palco de interesses políticos. Para tanto, recorre-se a Susan Sontag como aporte teórico para refletir sobre a natureza das doenças e suas relações entre a cultura e a realidade da sociedade, associada a Michel Foucault, quanto ao poder que a sociedade exerce sobre a sexualidade, questionando práticas sexuais opressivas. Vilém Flusser e suas teorias sobre a fotografia, como tecnologia e linguagem, dialogará com Danilo Angrimani Sobrinho sobre o poder sensacionalista da imprensa. Também se instrumentaliza, para a análise, o conceito de “existência”, de Nicola Abbagnano, e o conceito de artificialidade na fotografia, segundo Virgínia Gil Araújo.

A Aids e seus aspectos políticos

AIDS é síndrome, desenvolvida a partir do contágio pelo vírus HIV, foi primeiramente identificada em 1980 nas cidades de Nova York e São Francisco, nos Estados Unidos, e durante o avanço do decênio de 1980 passou rapidamente a ter a importância oficial de “epidemia”. A partir da identificação dos primeiros casos entre pacientes homossexuais do sexo masculino, a síndrome também passou a apontar uma associação direta da doença com a comunidade homossexual. Isto contribuiria então para reforçar os estereótipos negativos e a homofobia, discriminando ainda mais a comunidade LGBTQ+, a qual desde a Revolta de Stonewall (em 1969)³ já reivindicava publicamente pela consolidação de seus direitos civis e contra a marginalização social (Green, 2017; Halkitis, 2019). Com a formação destes estereótipos, infelizmente a mídia (jornais e revistas) desempenharia um significativo papel na desinformação e na perpetuação de estigmas, alimentando o preconceito, o pânico moral e social, e isolando cada vez mais os grupos específicos relacionados à epidemia na época. Segundo Neto:

³ Em 1969, batidas policiais em bares *gays* na região de Manhattan, na cidade de Nova York, nos EUA, seguiam um padrão: policiais invadiam o local, ameaçando e espancando funcionários e clientes do bar. Os clientes saíam para a rua e formavam filas para que a polícia pudesse prendê-los. A agressividade destas ações foi o estopim para a revolta social de Stonewall (Blakemore, 2021).

Por um lado, ela AIDS é um fenômeno de espaço público porque é nele que ela vai tomando um formato, assumindo contornos e repercussões, porque passa pelo corpo biológico dos sujeitos e pelo corpo simbólico e cultural da sociedade. Assim, ela é ‘formatada’ num determinado contexto de produção de sentido do espaço público que são as mídias (Fausto Neto, 1999, p.20).

Nos anos 1980, os ativistas do grupo ACT UP (*Aids Coalition to Unleash Power*) denunciaram a postura a respeito da Aids do então presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, e também do próprio Vaticano, visto que o Papa João Paulo II havia se pronunciado oficialmente contra o uso de preservativos (Malinski, 2021, p.121). Naquele momento, grupos conservadores e religiosos apontavam a AIDS como a consequência inevitável de práticas socialmente repreendidas, um castigo divino por aquilo que consideravam atos imorais. Deste modo, a epidemia da AIDS chamada de “A peste gay”, passou a associar o comportamento sexual à doença, relacionando a síndrome ao comportamento sexual promiscuo entre homens gays, trabalhadores e trabalhadoras do sexo e os usuários de drogas (Ujvari, 2003, p.76; 252).

A partir de publicações em periódicos da época, é possível delinear uma análise sobre os discursos preconceituosos e sensacionalistas estabelecidos sobre a situação em seu decurso. Como por exemplo, uma manchete do controverso jornal paulista “Notícias Populares”, que nos anos 1980 se tornou conhecido por seu conteúdo explícito e violento, onde descrevia-se a crise da Aids como “a pior e mais terrível doença do século” (Figura 1). Com isto, indica-se que o referido periódico, ao apoiar-se em narrativas segregacionistas e infundadas, apresenta formas específicas de documentar os fatos, não por meio da divulgação científica, mas com propostas dogmáticas, reduzindo todo o contágio da AIDS a um grupo específico. Neste sentido, observa-se, portanto, o uso do termo “peste gay” por parte da imprensa como uma forma discursiva de reduzir o sujeito com status sorológico positivo a um elemento marginalizado, merecedor de punição social pública.



Figura 1 - Manchete do jornal *Notícias Populares*, São Paulo, 12 Jun. 1983, p.1.

Fonte: Marcelo Henrique Silva (2024).

Deste modo, para além da gravidade direta da afecção, a epidemia da AIDS foi marcada por grande desinformação e gerou uma crise que alastrou sensações de medo da convivência social e pânico generalizado em toda a população mundial. Naquele período, jornais e revistas de alta circulação publicavam notas alarmistas sem nenhum controle, conhecimento ou mesmo embasamento científico, optando pelo sensacionalismo na busca pelo aumento da audiência, com manchetes chocantes e relatos cruéis tomados de fontes escusas.

Com a disseminação dessas informações não comprovadas sobre os grupos de risco e as formas de contágio, a mídia da época, portanto, veio a contribuir para a ampliação da desinformação e a disseminação de estigmas. Sobre esta linguagem tomada pela mídia, Danilo Angrimani conceitua o “sensacionalismo” como uma estratégia de distorção da realidade de acordo com a narrativa que interessa ao meio que a veicula:

Sensacionalismo é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento. Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de tom escandaloso, espalhafatoso. Sensacionalismo é a produção do noticiário que extrapola o real, superdimensiona o fato. (Angrimani, 1995, p.16)

As condições sensacionalistas nas quais as informações sobre a epidemia da Aids circularam também podem ser observadas para além das narrativas verbais encontradas nas manchetes, ou seja, não estavam circunscritas apenas ao texto, mas eram também apresentadas por meio da imagem, sendo muito presentes nas próprias reproduções fotográficas. Um caso que se tornou exemplar desta perspectiva inquisitória e oportunista da mídia no Brasil foi uma reportagem de capa sobre o Cazusa, em abril de 1989, na revista *Veja*, com a manchete “Uma vítima da Aids agoniza em praça pública”. Apesar de não ser a única situação agressiva registrada na época, esta publicação tornou-se significativa pela comoção e polêmica incitados, em especial, em decorrência do aspecto abatido, porém imponente, do artista em seu retrato fotográfico (Bernardes, 2015).

Foi neste contexto prenhe de desinformação e sensacionalismo imagético que a fotografia de Therese Frare (Figura 2), recebeu o prêmio do fotojornalismo mundial *World Press Photo*, considerada pela revista *LIFE* como “a foto que mudou a face da AIDS” – sendo incluída no livro *TIME: 100 fotografias mais influentes de todos os tempos* da revista *TIME*, em 2016. No registro fotográfico, David Kirby, um militante soropositivo na luta contra a AIDS, agoniza em sua cama com um olhar cansado e vazio, envolvido pelos braços de Peta, seu pai. Este, na tentativa de apoiá-lo na situação do agravamento da infecção, aproxima-se e chora frente à própria impotência, tendo ao lado sua irmã e uma sobrinha.



Figura 2 - David Kirby, agonizante, em foto de Therese Frare para a Revista *Life*, 1990.

Fonte: Ben Cosgrove (2025).

A foto mostra o corpo exaurido de David Kirby, entregue ao seu destino fatal. O toque do pai no corpo do filho causou estranhamento à época, pois a sociedade vivia até então com o medo do contágio pelo simples contato. Como consequência, muitos pacientes foram isolados e apartados de seus entes queridos, morrendo na solidão. Ou seja, na ocasião do registro, a imagem se destacava entre outras reportagens fotográficas associadas à AIDS, justamente por esse intenso contato físico estabelecido pelo grupo, um gesto proibido e sublimado das imagens desde os primeiros anos da crise até a repercussão polêmica do gesto da princesa Diana, em 1987, ao apertar a mão de um paciente soropositivo no Hospital de Middlesex de Londres. Por esse motivo, a foto em questão permitiu rever a atitude preconceituosa propagada pela mídia da época. Publicada pela revista *Life*, a fotografia de Therese Frare, portanto, é considerada um marco visual simbólico importante na mudança de comportamento e da percepção da AIDS, antes da distribuição dos primeiros coquetéis retrovirais, a partir de 1996.⁴

A representação de imagens de corpos em sofrimento percorreu uma longa trajetória na história da arte e no imaginário cultural, sendo especialmente promovidas pela Igreja Católica. Algumas das mais contundentes imagens neste sentido foram realizadas durante o período da Contrarreforma, quando o Concílio de Trento esquematizou o cânone da iconografia devocional e, em seguida, o estilo Barroco assumiu o seu caráter popular e catequizante. Naquele contexto, a obra de arte deveria “influenciar um público tão vasto quanto possível” e “fazer propaganda, para convencer, para avassalar”, na linguagem definida pelo cânone sagrado, de modo que, na prossecução desse fim pedagógico, “o efeito produzido por uma obra é, muitas vezes, tanto mais eficaz quanto mais genuíno e profundo é o sentimento religioso do qual brota” (Hauser, 1972, p.570). Para este intento, os pintores atuantes nos países católicos, em especial os italianos, ficaram conhecidos por suas representações temáticas em retábulos e telas destinados à decoração dos templos religiosos e ao arrebatamento emocional dos fiéis. O tema *Pietà* é um exemplo deste uso pedagógico da pintura no âmbito da

⁴ “Em 1996, os cientistas lançaram o coquetel antiaids, uma combinação de medicamentos capaz de tornar o vírus indetectável no organismo, proteger o sistema imunológico e impedir que a pessoa infecte outras. Antes uma sentença de morte, o HIV passou a ser uma doença crônica” (Westin, 2023).

doutrina religiosa. A imagem, que apresenta Cristo morto pela tortura, nos braços de sua mãe em agonia (Figura 3), tornou-se canônica dentro do sistema de arte ocidental.



Figura 3 – Carlo Dolci. *Pietà*. Óleo sobre tela, c.1640. Museo de Arte de Ponce.

Fonte: Google Arts & Culture (2025).

Considerado um dos mais importantes pintores florentinos do século XVII, Carlo Dolci destacou-se por sua dedicação à pintura religiosa, inspirado pelos ensinamentos da Contrarreforma. Suas obras, influenciadas pela intenção devocional do período, caracterizam-se justamente pelo tratamento didático dos temas sagrados. O artista fez quadros bastante populares em sua época, com expressões comoventes, refinamento de detalhes e o uso de cores suaves contrastadas pela oposição entre claros e escuros (Thyssen-Bornemisza, 2025). Entre as principais marcas de Dolci estava, sobretudo, a preferência por cenas de grande carga afetiva, como é o caso da *Pietà*, na qual a dor é representada com contenção dramática e apelo emocional, reforçando o propósito evangelizador sobre a redenção da alma humana.

A influência da produção iconográfica religiosa ultrapassou as portas das igrejas e se constituiu como uma das principais bases da tradição artística ocidental. Neste sentido, é possível estabelecer um paralelo em torno da tradição sobre a representação da imagem da dor, entre a pintura barroca e a fotografia contemporânea. Ao retomarmos a análise sobre a fotografia de Frare, por exemplo, é possível observar como a temática da dor é alcançada por meio de sua aproximação com a tradição pictórica, influenciada por referências iconográficas cristãs. Em seu registro, a fotógrafa escolheu retratar a perda de forma a intensificar a fragilidade do corpo que morre, de modo análogo ao que ocorre em *Pietà*. Ambas as imagens propõem uma sensibilização sobre a ideia do inevitável. O que resta de sofrimento na representação de Maria, que sustenta o corpo do filho, está de certa forma

referenciado na imagem do pai de David Kirby, que sustenta a cabeça do filho agonizante. Em ambas as imagens, com séculos de diferença, existe a tragédia da impotência diante da morte, e a difícil aceitação da realidade.

Mas, se no caso da Igreja Católica, o sofrimento do martírio simbolizava um passaporte para o céu, já a contaminação pelo vírus HIV era vista como um signo da promiscuidade e perversão, de modo que para os indivíduos acometidos pelo vírus o desenvolvimento da doença seria recebido como uma forma de castigo ou punição. A sensação de ser um “corpo acuado” por doenças contagiosas viria a demonstrar que a dolorosa experiência de adoecer pode ser tanto física quanto psicológica, pois “toda infecção pode ser considerada um ato de violência; uma invasão a que o corpo é forçado a reagir” (Schwarcz; Starling, 2020, p.28). Isto reflete o profundo impacto que doenças altamente infecciosas geram no indivíduo e na sociedade, quando aqueles que são diagnosticados enfrentam não somente o medo da morte, mas da discriminação. Em consequência, nestes casos, também com o agravamento isolamento social e a sensação de abandono, deixando-os cada vez mais desamparados, em um sentido social e político; e ainda, no âmbito subjetivo, em um processo de profunda depressão e sensação de vulnerabilidade. Para a escritora Susan Sontag (1933-2004), em “*AIDS como metáfora*” (1978), as políticas da época estabeleceram de forma contundente uma distinção estigmatizante entre “nós” e “eles”, para o chamado “grupo de risco”. Em linguagem clara, considerava-se que “o problema é deles e não nosso”. Deste modo, estabelecia-se “essa categoria burocrática, aparentemente neutra, que também ressuscita a ideia arcaica de uma comunidade poluída para qual a doença representa também uma condenação.” (Sontag, 2007, p. 114). Tais narrativas envolvem processos culturais, reforçando assim formas de estigmatização do sujeito com violências simbólicas ao propor modelos de identidades através da forma como estas identidades são dispostas culturalmente.

Esse tipo de resposta humana diante de surtos ou epidemias é muito antigo. Várias doenças viraram metáforas negativas. A ‘peste’ é uma imagem de pesadelo, que abarca no mínimo três grandes conjuntos imaginários. Ela é uma ‘praga’ comparável às que atingiram o Egito [...]. Também é uma punição divina [...]. E é necessariamente provocada pelo outro, por força do contágio. Daí ser a imagem de um medo muito bem referido: o medo do outro. Por isso é o lugar onde se exprime esse medo, sob a forma do preconceito e da intolerância: afinal, quem traz a peste para a cidade? É preciso acusar e nomear. [...] O termo *leproso*, por exemplo, vem de um contexto em que a lepra tomou boa parte da população, e assim se criou o estigma. O bacilo *Mycobacterium leprae*, responsável pela doença conhecida popularmente como Mal de Lázaro, foi desde o século VI associado ao pecado, à desonra e ao castigo divino. Era vinculado, ainda, a doenças de pele e venéreas. E dessa maneira surgiu o preconceito contra a enfermidade, pois se supunha que seu portador era um ‘pecador’ (Schwarcz; Starling, 2020, p.32).

Por outro lado, ao serem amplificadas pelos meios de comunicação, as narrativas que endossavam o estigma da AIDS ganharam cada vez mais espaço entre os indivíduos, ancorando “crenças e valores largamente difundidos” (Vala, 1997, p.9). Segundo Omã Silva (2017), a imagem que se construiu da doença – e, por consequência, do corpo infectado – envolvia representações cruéis e de contundente cunho moralista, ligando a doença às práticas sexuais, valores morais e crenças, o que gerou discriminação e preconceito, sob a pecha de termos e codinomes altamente ofensivos, como “aidético”. Tais publicações impressas nos fazem entender o diálogo entre os atores sociais e o público leitor destes jornais propondo narrativas que resultam em acentuado grau de violência contra os portadores da síndrome criando o afastamento social, a desqualificação do indivíduo e sua invisibilidade. Nos primeiros anos de sua aparição, como observado, a AIDS foi estigmatizada como uma doença restrita a homossexuais, usuários de drogas e profissionais do sexo, levando à discriminação desses grupos por parte da sociedade e de instituições religiosas, muito antes da descoberta dos tratamentos antirretrovirais. Mas, com o passar do tempo, ela se espalhou globalmente, afetando milhões de pessoas, o que demonstrou que ninguém estava imune. Esta ampliação de escala descentralizou o estigma dos grupos supracitados, ao mesmo tempo que ampliou o pânico social diante do alto fator de mortalidade.

Após o livro “Doença como metáfora”, Susan Sontag aprofundou-se sobre a questão e, em 1989, escreveu “*AIDS and Its Metaphors*”. Em seu livro, a autora explora como as metáforas influenciam e atuam na percepção pública das doenças, neste caso, a AIDS. Sontag defendeu que as metáforas preconceituosas para descrever a AIDS funcionam como mecanismos que perpetuam o medo e reforçam a discriminação. A autora também expôs que a linguagem usada pode impelir drasticamente as atitudes da sociedade e as políticas públicas de saúde.

A doença é a zona noturna da vida, uma cidadania mais onerosa. Todos que nascem têm dupla cidadania, no reino dos sãos e no reino dos doentes. Apesar de todos preferirmos só usar o passaporte bom, mais cedo ou mais tarde nos vemos obrigados, pelo menos por um período, a nos identificarmos como cidadãos deste outro lugar. [...] é quase impossível fixar residência no reino dos doentes sem ter sido previamente influenciado pelas metáforas lúgubres com que esse reino foi pintado (Sontag, 2007, p.11).

Por fim, Sontag reflete sobre a experiência de se defrontar uma doença como um aspecto sombrio e inevitável da vida humana, assim como o enfrentamento difícil da realidade de ora se estar saudável; ora, doente. A própria autora escreveu “A doença como metáfora” lutando contra um câncer do seio (Moser, 2017), e argumentava que, na maioria das vezes, as metáforas usadas para descrever as doenças são carregadas de negatividade e peso. A AIDS, por exemplo, foi frequentemente descrita com metáforas bélicas, sugerindo que “lutar pela vida” seria uma experiência análoga a uma “batalha” ou “guerra”. Portanto, cabe considerar de que modo certas doenças são tratadas socialmente, estabelecendo-se relações simbólicas com o indivíduo por ela acometido, como se este fosse um ser isolado do coletivo, contribuem para dificultar o processo de cura e para estigmatizar as doenças – como no caso da AIDS – relacionando aspectos morais e éticos como justificativas para reforçar o preconceito.

O poder sobre o corpo e sua vida em tempos de crise

Em sua obra “O Nascimento da Clínica: uma arqueologia do olhar médico”, publicada pela primeira vez em 1963, o filósofo francês Michel Foucault analisa o desenvolvimento da medicina moderna, no período entre o século XVIII e o princípio do século XIX. Durante a obra, o autor demonstra como estes desenvolvimentos influenciaram na maneira como o corpo humano e a doença foram historicamente percebidos e tratados. Para Foucault, houve uma mudança importante no olhar dos médicos sobre o corpo físico e, posteriormente, nas manifestações das doenças, baseadas na sintomatologia. A partir da análise sobre as práticas clínicas, em consonância com seu método arqueológico, Foucault analisa as instituições médicas e as dinâmicas de poder entre médicos e pacientes. Sendo assim, o filósofo propõe uma nova maneira de se pensar sobre a relação entre sociedade, conhecimento e poder, na medida em que quem detém o conhecimento exerce controle sobre aqueles que não o têm.

No caso específico das epidemias de AIDS e de COVID-19, percebe-se como essas epidemias foram tratadas de maneiras comparáveis, política e socialmente, com medidas para isolar os corpos que apresentassem alguns dos sintomas prescritos pela cartilha. Para além do espanto, visto que ambas as epidemias surpreenderam a sociedade e a medicina despreparadas para absorver a crise eminente, as informações publicamente disponíveis também estabeleciam núcleos específicos como os causadores e culpados dos problemas então decorrentes. Este fenômeno é registrado em momentos anteriores na história, como apontado por Lilia Schwarcz e Heloísa Starling, de modo que na ocasião da descoberta de uma nova “peste” os primeiros sintomas sociais costumavam ser da seguinte ordem:

Como quase sempre ocorre, a primeira reação ao redor do mundo foi um suspeito silêncio - uma espécie de negação que costuma acompanhar uma crise na saúde pública com esse tamanho e

proporção. [...] Afinal, é sempre mais fácil, ao menos de início, procurar obstinadamente não ver, para escapar ao enfrentamento do medo. A outra saída costumeira é apostar no milagre, ou num culpado iminente, ou até num bode expiatório (Schwarcz; Starling, 2020, p.31).

Na contemporaneidade, se a epidemia da AIDS surgira primeiramente na comunidade gay dos Estados Unidos, no caso da COVID-19, notou-se o vírus pela primeira vez, na cidade de Wuhan, na China, em 2019. Por esta razão, como observado, o preconceito contra os chineses aumentou significativamente com a expansão rápida e de proporção global da pandemia de COVID-19, expresso pela xenofobia e racismo que foram alimentados pela desinformação e pelas *fake news* digitais. A eleição presidencial de 2018, no Brasil, também contribuiu para essa crise, sendo marcada por uma disputa obscurantista e discrepante entre as narrativas conservadoras e progressistas nas mídias sociais. Portanto, grupos políticos, em dado momento, procuram culpar grupos específicos pelas mazelas que assolam a sociedade no país, muito distantes da tentativa em resolver um mal comum, usando a ideia muitas vezes difundida de “queima às bruxas”, na tentativa de marginalizar grupos e culturas. Sendo assim, as estruturas de dominação reforçam a violência simbólica por meio de padrões de moralidade – advindo de religiões e do Estado –, reforçando a disparidade nas relações em sociedade. Esse cenário caótico e inflexível reforçou discursos preconceituosos baseados em valores morais, desacreditando a diversidade sexual e de gênero, intensificando o racismo e criando uma agenda adversa para as prevenções da COVID-19 de forma similar ao que ocorrera com o HIV em 1980.

Neste sentido, os conceitos de biopoder e biopolítica, como propostos por Foucault, tratam das maneiras como os governos ajustam a vida das populações. Tais conceitos são importantes para se entender a ações das instituições diante das epidemias de AIDS e do COVID-19, pois implicam o controle e a regulação dos corpos e da saúde pública. Foucault introduz então a noção de “governamentabilidade” para descrever as técnicas e as estratégias pelas quais as populações são impactadas pela política em tempos de crise. Isto se reflete nas políticas da saúde pública, que são estruturas de poder, as quais por sua vez impactam diretamente sobre os processos de contenção pandêmica. Estas medidas são recebidas então pela população, que depende de mediadores externos para receber e apropriar-se dessas normativas. Nesse processo, recai-se em narrativas por vezes demasiadamente errôneas sobre as pessoas infectadas e como os corpos devem ser tratados e isolados. Em diferentes contextos críticos, estes procedimentos geram preconceitos, reforçando estigmas e dogmas. O controle físico e mental sobre a vida da população estatiza o corpo com os dispositivos de poder governamentais, o que Foucault nominou de “biopolítica”.

O homem ocidental aprende pouco a pouco o que é ser uma espécie viva num mundo vivo, ter um corpo, condições de existência, probabilidade de vida, saúde individual e coletiva, forças que se podem modificar, e um espaço em que se pode reparti-las de modo ótimo. Pela primeira vez na história, sem dúvida, o biológico reflete-se no político; o fato de viver não é mais esse sustentáculo inacessível que só emerge de tempos em tempos, no acaso da morte e de sua fatalidade: cai, em parte, no campo de controle do saber e de intervenção do poder. (Foucault, 2019, p.154).

Apesar de Foucault não ter escrito diretamente sobre a AIDS, utilizam-se suas teorias sobre moralidade e controle social para pensar os corpos infectados e a marginalização por meio da estigmatização da doença. Deste modo, considera-se que tais práticas governamentais podem afetar os indivíduos marcados pela doença, quando classificados como desviantes e imorais.

A partir das reflexões de Foucault, elabora-se também uma aproximação à noção de “necropolítica”. Trata-se de um conceito elaborado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe, que explora a relação entre a política e a morte. Seu conceito tem sido amplamente utilizado na análise e na crítica de situações contemporâneas de extrema violência, como as guerras, os genocídios, e tantas outras formas de controle e dominação social. Em sua análise, Mbembe (2018) defendeu que o poder se manifesta na capacidade de decisão sobre quem pode viver e quem deve morrer, colocando no centro

da prática política a morte e a violência. A necropolítica, portanto, é um instrumento de percepção sobre como as políticas são exercidas por meio do controle sobre a vida e a morte, sendo ligadas à capacidade de matar, ou de deixar viver, ou mesmo de expor à morte. Mbembe entrecruza diretamente a noção de necropolítica com o conceito de biopolítica de Michel Foucault, sendo que a biopolítica se preocupa com o problema da otimização da vida, enquanto a necropolítica enfatiza o poder de decidir sobre a morte. De modo inverso e complementar, enfim, “tanto o biopoder quanto a necropolítica dão destaque às formas de controle social” (Grisoski; Pereira, 2020, p.201).

A pandemia de COVID-19 teve um impacto profundo nas dinâmicas sociais e nas decisões políticas em todo o mundo. Ou seja, diferentemente da epidemia do HIV, que fora inicialmente apontada como um problema específico de um grupo já previamente estigmatizado pela sua dissidência social, a pandemia da COVID-19, por sua vez, expandiu seu impacto em escala global e de modo e imediato, acometendo toda a humanidade. Tomado de assalto, o mundo todo sentiu a necessidade urgente do distanciamento social como um método preventivo para evitar o contágio, por meio da assepsia e do isolamento físico, enquanto não existisse uma vacina eficaz.

O mundo corporativo capitalista e neoliberal que ordena as microestruturas de poder teve que ser integralmente repensado, em um processo de adaptação com, por exemplo, a institucionalização do trabalho remoto, onde a maior parte do contato humano passou a ocorrer virtual e artificialmente, a partir de plataformas digitais. Desta vez, o medo da morte impactou a sociedade de modo extremo, afetando a saúde mental de toda a população conjuntamente e resultando no aumento de casos de depressão e ansiedade. Pois, se a subjetividade do ser humano se constrói nos agrupamentos sociais, é por meio das interações, trocas e experiências do convívio que ele se desenvolve, se descobre e se localiza. Nesse contexto, o isolamento impôs grandes desafios a partir dessa nova realidade, pois ficar sozinho ou se afastar de seu meio tem consequências muito diferentes quando essa condição é imposta. Entretanto, quando todas as formas possíveis de interação humana poderiam incorrer em contágio, por meio do ar e pelo toque, criou-se a necessidade do uso de máscaras e de uma acirrada conscientização quanto à higiene pessoal na rotina diária, principalmente com o uso de álcool como desinfetante das mãos e das embalagens de alimentos. Deste modo, “ao confinar cada um nas suas próprias casas e, conseqüentemente, ao restringir a sua liberdade de circulação, bem como todas as liberdades públicas em geral, estas autoridades reconhecem implicitamente que a saúde é, acima de tudo, um bem público que precisa de ser preservado como tal” (Bihr, 2020, p. 27) (Figura 4).

A sensação de solidão e a morte de grupos vulneráveis, a exemplo os idosos, a partir do isolamento imposto nos hospitais e nos lares durante a pandemia de COVID-19, demonstraram a fragilidade da sociedade em se organizar socialmente em casos extremos, expondo aspectos profundamente dolorosos na tentativa de conter a propagação do vírus (Figura 4). Neste caso, a democratização do acesso à tecnologia, com o uso de laptops e celulares, foi um aspecto significativo, pois esses dispositivos foram amplamente usados como único meio de contato entre pacientes e familiares, na tentativa de amenizar o isolamento. Em reportagens veiculadas por periódicos internacionais, tornou-se cotidiana a veiculação de inúmeras fotografias que exibiam as condições inéditas promovidas pelo impacto da crise pandêmica.



Figura 4 - Em Thises, França, paciente faz videochamada com familiar durante a epidemia do COVID-19. Fotografia de Sebastueb Bozon, AFP - Agence France Presse, 2020.
Fonte: Rodrigo Craveiro (2020).

Outro fator preponderante que a pandemia da COVID-19 evidenciou foi um processo de divisão social, política e econômica, agravando ainda mais a situação desses grupos periféricos. Ao longo da história, crises sanitárias decorrentes de processos infectocontagiosos geraram impactos diversos na sociedade, atingindo grupos sociais de maneira desigual. Em se tratando de fenômenos globais, pandemias como a AIDS e a COVID-19 expuseram desigualdades estruturais, afetando indivíduos assimetricamente, conforme sua posição social e econômica. Para além da crise sanitária, se instaurou também uma crise humanitária: o medo do contágio e o instinto de sobrevivência expuseram o descaso político e a fragilidade das relações humanas.

A solidão pelo isolamento, o luto e a morte durante a pandemia de COVID-19 geraram situações profundamente dolorosas, impactando emocionalmente tanto os pacientes quanto suas famílias – assim como ocorrera na crise da AIDS. Pois, os indivíduos hospitalizados, seja com o HIV-AIDS ou com COVID-19 eram completamente isolados, sem permissão para receber visitas. E estas ações, mesmo que necessárias, tiveram ainda um terrível impacto psíquico. As rígidas medidas de controle de infecção, aliadas ao medo generalizado do contágio intensificaram a sensação de isolamento e abandono, justamente no momento de maior vulnerabilidade dos pacientes, levando a sentimentos de tristeza, desespero e angústia diante das incertezas do quadro apresentado, agravando o impacto emocional da doença. A alta mortalidade sem a presença de familiares tornou-se uma realidade latente, escancarando a dor do distanciamento forçado. O coronavírus teve um impacto distinto, atingindo a sociedade como um todo, e configurando-se rapidamente como uma crise sanitária e social de escala mundial. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o número de mortes associadas à pandemia, entre 2020 e 2021 – os anos mais críticos do evento –, foi de aproximadamente 14,9 milhões de pessoas (Organização Pan-Americana, 2022).

A crise pandêmica criou disputas políticas ao redor do planeta gerando polarizações radicais em diferentes áreas, como na economia, na saúde e nas relações internacionais. Além de reforçar tensões na organização social, revelou uma contradição: ao mesmo tempo em que a sociedade se mostrou conectada digitalmente, percebe-se uma fragilidade concreta nos âmbitos ético e comportamental. Percebemos-nos carentes de humanidade, de posturas e ações políticas eficazes diante das

necessidades coletivas, revelando a fragilidade pelo descompasso entre as respostas dos governantes e as demandas da população. Assim, a pandemia evidenciou não apenas lacunas na gestão pública, mas também a carência dos afetos e da solidariedade nas diversas dimensões da coletividade.

A despeito dos efeitos críticos e devastadores da pandemia – sociais, econômicos, emocionais e políticos – houve um movimento de persistência no campo cultural para o desenvolvimento de diversas atividades, eventos e exposições, muitos deles relacionados a novos instrumentos de fomento emergencial, como a Lei Aldir Blanc, aprovada em 2020, e a Lei Paulo Gustavo, em 2022. Além disso, instituições artísticas já estabelecidas no campo nacional também moveram diversos projetos relacionados à promoção de trabalhos para os artistas e à conscientização do público sobre a grave situação decorrente da crise pandêmica. A fotografia teve, então, um importante papel como meio de documentar aquele momento histórico e registrar as mazelas cotidianas vividas em todo o planeta. Neste contexto, recebeu destaque o projeto visual “Por dentro de um tempo suspenso”, organizado no ano de 2020 pelo grupo Foto Rio, junto ao Foto Festival Solar e a Doc Galeria, dentro do Festival de Fotografia de Tiradentes (Moringa, 2020). O projeto consistiu em uma seleção de 1200 fotografos brasileiros, que expuseram ao todo 14 mil fotografias em conjunto de *lives* transmitidas pelo canal do evento nas redes sociais. O objetivo era fazer circular estas imagens, da única maneira que era possível na época. No evento, foram recebidas imagens poéticas, pessoais, documentais e jornalísticas que mostrassem os diferentes olhares sobre a pandemia do novo coronavírus (Lourenço, 2020).

Entre as milhares de imagens potentes apresentadas dentro do projeto, sobressai a fotografia de Andrea Edelman (Figura 5) que, assim como a imagem de Therese Frare, no contexto da AIDS, também escolheu, por meio da encenação, fazer alusão as “Pietàs” produzidas ao longo da história da arte. A representação tradicional da Pietà na pintura, como observado, está relacionada à iconografia pedagógica da Igreja Católica, mostrando Maria, mãe de Jesus, tendo ao colo o corpo morto do filho. A temática escolhida parece ter uma relação direta com um estudo anteriormente desenvolvido pela artista, dentro de seu fotolivro “A flor que nos permite esquecer”, de 2018, onde Edelman registrou objetos, ornamentos, flores e esculturas encontrados em sepulturas. No caso da fotografia selecionada para a exposição virtual do projeto “Tempo suspenso”, percebe-se uma alusão ao processo de isolamento do indivíduo, a solidão dos corpos e a perda da identidade. Em Edelman os corpos são anônimos, apagados de sua trajetória, invisibilizados e esquecidos, existe um certo ar de abandono na sensação de vulnerabilidade pelo isolamento, enquanto a morte não tem rosto.



Figura 5 - Fotografia de Andrea Edelman para o projeto “Por dentro de um tempo suspenso”, 2020.

Fonte: Marina Lourenço (2020).

Portanto, a potência evocativa da fotografia de Edelman⁵ nos conduz à necessidade de compreender não apenas sua construção formal, mas também o que ela sugere além da imagem visível. A maneira como a artista lida com a iconografia da Pietà, associando-a aos temas do esquecimento e do abandono vividos durante a pandemia, abre espaço para uma reflexão mais ampla sobre a força simbólica e moral das imagens e seu impacto na percepção do espectador. Parafraseando Susan Sontag: “Aqui está a superfície. Agora pensem, ou antes, sintam, intuem o que está por detrás, como deve ser a realidade se esta é a sua aparência. As fotografias, que por si só nada podem explicar, são inesgotáveis convites à dedução, especulação e fantasia” (Sontag, 1986, p.30). A citação de Sontag, retirada do livro *Sobre Fotografia* (1977), aborda a natureza ambígua das fotografias, convidando a ir além da aparência visual e da superfície das imagens. Propõe-se, assim, tentar desvendar o que elas ocultam. Se a imagem busca algum significado, para Barthes, “a imagem é certamente mais imperativa do que a escrita, impondo a significação de uma só vez, sem analisá-la e dispersá-la” (Barthes, 2009, p.201). Para se compreender uma imagem é fundamental a investigação das técnicas usadas para tocar o espectador, sensibilizá-lo, mas é de suma importância a compreensão do contexto em que ela foi produzida e sua pedagogia sensível. Com isso, a imagem passa a ser compreendida como reflexo histórico, funcionando não apenas como um registro visual, mas como um espaço de tensão entre memória e esquecimento, presença e ausência, evocação e silêncio.

Considerações Finais

O estado da arte do estudo referente as pandemias de AIDS e COVID-19 nos revela um cenário complexo e rico em constantes reflexões, com contrastes sociopolíticos e socioculturais importantes. As pandemias evidenciaram dilemas éticos por meio dos tratamentos com a alocação de recursos, o despreparo do governo e o medo de pacientes diante das incertezas quanto à cura. Expostos às

⁵ Na página do Festival de Fotografia de Tiradentes é possível acessar a *playlist* e informações sobre o projeto. Disponível em: <<https://moringa.ppg.br/festival-de-fotografia-de-tiradentes-2020>>. Acesso em: 08 mar. 2025.

fragilidades emocionais e sociais, os sujeitos foram arremessados a um mundo de incertezas, desrespeito, medo e solidão. Trancados em suas casas e hospitais, aguardavam por ajuda. Neste momento, já não bastasse o terror vivido, as imagens que se propagaram por meio de *Fake News* nas mídias só avolumavam a desesperança e o desespero. Compreende-se, enfim, que tanto na epidemia da AIDS quanto na COVID-19 o corpo sofreu com as consequências do preconceito: pois, para além do medo do contágio, na epidemia da AIDS, o estigma foi reforçado pela homofobia; já na pandemia do novo coronavírus, vivenciou-se o afloramento da xenofobia. Ou seja, antes e acima do instinto de autopreservação, a sociedade preferiu e foi levada a isolar o corpo em razão do desconhecimento.

A informação é uma necessidade humana que se busca quando necessária diante do desconhecido, do novo e de cada questão surgida frente ao desafio da sobrevivência. Nesse sentido, a disseminação de narrativas visuais durante as crises sanitárias não apenas contribuiu para moldar percepções, mas também influenciou comportamentos coletivos e individuais diante do risco e da incerteza. A análise de imagens exige do observador um olhar arguto, capaz de distinguir elementos denotativos em seu sentido literal, e também elementos conotativos, com sentidos ligados à subjetividade, sentidos estes presentes em imagens, apontando diretamente para contextos que não são nada fáceis de serem experimentados.

Em uma abordagem multidisciplinar, criar possibilidades de leituras e cognições permite experimentar as diferentes camadas de significados da imagem. A imagem é uma forma documental de expor um fato real, mas também pode ser uma experiência cognitiva subjetiva e própria de cada indivíduo com base em seu histórico de vida. Por fim, a imagem pode ser ainda um mecanismo de cooptação do olhar quando manipulada para fins políticos e ideológicos. Em tempos de emergência da inteligência artificial, esta é uma questão que deve estar sempre no panorama das percepções.

Por fim, busca-se reconhecer os conflitos bioéticos existentes nas pandemias e, a partir daí, identificar como as representações visuais das crises sanitárias contribuem para a construção de memórias coletivas e para a perpetuação de marcas associadas aos estressores vividos pela sociedade a partir do enfrentamento das doenças, e o seu devastador efeito sobre os corpos. Portanto, quando o corpo é apartado do seu meio, por vezes reconhece-se que essa separação se faz necessária; mas, apesar das situações extremas, padecemos de algo essencial para a vida humana: a necessidade de afeto e acolhimento.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

ARAÚJO, Virgínia Gil. Realidades imaginárias na fotografia: a artificialidade, os espectros e as ruínas da realidade. In: SANTOS, Alexandre; SANTOS, Maria Ivone dos, (Org). **A Fotografia nos Procedimentos Artísticos Contemporâneos**. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura: UFRGS, 2004.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 4. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

BERNARDES, Margarida; et al. **Método de análise imagética**: Cazuza na Revista Veja como ícone da Aids na década de 1980 no Brasil. *Psicologia e Saber Social*. n.4, v.2, 2015.

BIHR, Alain. França: pela socialização do aparato de saúde. In: DAVIS, Mike; ZIZEK, Slavoj; BADIOU, Alain; HARVEY, David; BIHR, Alain; ZIBECHI, Raúl. **Coronavírus e a luta de classes**. Brasil: Terra sem Amos, 2020.

BLAKEMORE, Erin. **Revolta de Stonewall deu origem ao movimento atual pelos direitos LGBTQ+**. National Geographic. Disponível em: <nationalgeographicbrasil.com/cultura/2021/06/gay-lgbt-revolta-de-stonewall-movimento-atual-pelos-direitos-lgbtqia>. Acesso em: 8 fev. 2025.

COSGROVE, Ben. **The Photo That Changed the Face of AIDS**. Life Magazine. 2025. <<https://www.life.com/history/behind-the-picture-the-photo-that-changed-the-face-of-aids/>> Acesso em: 8 fev. 2025.

CRAVEIRO, Rodrigo. **A face mais cruel da pandemia: abandono de idosos choca o mundo**. Estado de Minas. 19 Abr. 2020. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/04/19/interna_internacional,1140146/a-face-mais-cruel-da-pandemia-abandono-de-idosos-choca-o-mundo.shtml>. Acesso em: 17 fev. 2025.

FAUSTO Neto, Antônio. **Comunicação e mídia impressa: estudos sobre a Aids**. São Paulo: Hacker, 1999.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Relume Dumará, 2002.

FLUSSER, Vilém. **Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar**. São Paulo: Duas cidades, 1983.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A Vontade de Saber**. São Paulo: Paz e Terra, 8 ed., 2019.

GOOGLE Arts & Culture. **Museo de Arte de Ponce**. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/asset/pieta-ca-1640-0001/LQH5EXXEboZWUA>>. Acesso em: 12 jun. 2025.

GREEN, Lucy Santos. **Stonewall and Its Impact on the Gay Liberation Movement**. 2017. Digital Public Library of America. Disponível em: <dp.la/primary-source-sets/stonewall-and-its-impact-on-the-gay-liberation-movement>. Acesso em: 8 mar. 2025.

GRISOSKI, Daniela Cecilia; PEREIRA, Bruno César. Da biopolítica à necropolítica: notas sobre as formas de controles sociais contemporâneas. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 224, ano XX, 2020, p. 199-208.

HALKITIS, Perry. *The Stonewall Riots, the AIDS Epidemic, and the Public's Health*. **American Journal of Public Health**. n.109, v.6, Jun. 2019. Disponível em: <pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC6507988/>. Acesso em: 12 mar. 2025.

HAUSER, Arnold. **História social da literatura e da arte**. 2ed. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

LOURENÇO, Marina. **Fotógrafos mostram como a pandemia virou do avesso a vida dos brasileiros. Folha de São Paulo**. 24 ago. 2020. Ilustrada. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/08/fotografos-mostram-como-a-pandemia-virou-do-avesso-a-vida-dos-brasileiros.shtml>. Acesso em: 6 jan. 2025.

MAUAD, Ana Maria. **Como nascem as imagens? Um estudo de história visual**. História: Questões & Debates, v. 61, n. 2, 2014. Disponível em: <revistas.ufpr.br/historia/article/view/39008>. Acesso em: 12 mar. 2025.

MALINSKI, André. Fora do armário: Foucault e o pensamento Queer. **Revista Anômalas**. Catalão, v.1, n.2, jul./dez. 2021.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MORINGA Comunicação. **Festival de Fotografia de Tiradentes**, 2020. Disponível em: <<https://moringa.ppg.br/festival-de-fotografia-de-tiradentes-2020#:~:text=A%20proposta%20foi%20reunir%20fotografias,todos%20os%20estados%20do%20Brasil.>> Acesso em: 8 jun. 2025.

MOSER, Benjamin. **Sontag**: Vida e obra. Companhia das Letras, São Paulo, 2017.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Excesso de mortalidade associado à pandemia de COVID-19 foi de 14,9 milhões em 2020 e 2021**. 5 de Maio de 2022. Disponível em: <paho.org/pt/noticias/5-5-2022-excesso-mortalidade-associado-pandemia-covid-19-foi-149-milhoes-em-2020-e-2021>. Acesso em: 8 fev. 2025.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloísa. **A bailarina da morte**: a gripe espanhola no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SILVA, Marcelo Henrique. **Sangue Neon**: médico retrata em livro a dramática ascensão da aids, 2024. Disponível em: https://veja.abril.com.br/coluna/conta-gotas/sangue-neon-medico-retrata-em-livro-a-dramatica-ascensao-da-aids/#google_vignette. Este é o endereço correto da matéria no site. Acesso em: 7 fev. 2025.

SILVA, Onã. No espelho da bioética crítica: a imagem refletida das vulnerabilidades das pessoas que vivem-convivem com HIV/AIDS. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**. v. 4, n. 3, 2017. p.1030-1044. Disponível em: periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/339. Acesso em: 03 fev. 2025.

SONTAG Susan. **Doença como metáfora**: AIDS e suas metáforas. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

SONTAG Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

THYSSEN-BORNEMISZA. **Carlo Dolci**. Madrid, 2025. Disponível em: <<https://www.museothyssen.org/en/collection/artists/dolci-carlo>> Acesso em: 12 jun. 2025.

UJVARI, Stefan Cunha. **A História e suas Epidemias**: a convivência do homem com os micro-organismos. 2ed. Rio de Janeiro: Senac, 2003.

VALA, Jorge. Representações sociais e percepções intergrupais. **Revista Análise Social**. v.32, n.140, 1997. Disponível em: revistas.rcaap.pt/analise-social/article/view/39396. Acesso em: 03 fev. 2025.

WESTIN, Ricardo. **Aids chegou ao Brasil há 40 anos e trouxe terror, preconceito e desinformação**. Arquivo S. 2023. Disponível em: <www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/aids-chegou-ao-brasil-ha-40-anos-e-trouxe-terror-preconceito-e-desinformacao>. Acesso em: 8 de mar. 2025.